SIMPÓSIO
DESIGN
SUSTENTÁVEL

SUSTAINABLE
DESIGN
SYMPOSIUM

Design e preservação do patrimônio imaterial

Laura de Souza Cota Carvalho^{1,a}, Dafne Rivadeneira Griner², Marcelo Silva Pinto³

¹Federal University of Minas Gerais, Department of Design, Architecture and Urbanism Technology (TAU), Paraiba Street, 697 – Savassi, Belo Horizonte – MG, 30130141

²Federal University of Minas Gerais, Student, Paraiba Street, 697 – Savassi, Belo Horizonte – MG, 30130141

³Federal University of Minas Gerais, Department of Design, Architecture and Urbanism Technology (TAU), Paraiba Street, 697 – Savassi, Belo Horizonte – MG, 30130141

Abstract. *Design is deeply related to industrial and innovation culture. This bond opens the possibility for design to be an active force in the preservation of immaterial heritage, considering that design is a tie-in element capable of connecting people and businesses in most diverse occasions. In Brazil, we notice a vast wealth of knowledge and crafts, which are disappearing due to lack of registration and interest (personal and economic) in the maintenance of the production activity. We exemplify, through the current situation in the productive territory of sheep wool of Campo Redondo, Itamonte, Minas Gerais state, how design could work with people of the territory to preserve and document the heritage, alongside bringing the awareness and repositioning of their products in the market.*

Keywords. *Design and territory; Immaterial heritage; traditional know-how; Campo Redondo.*

1 Introdução

A produção originada de empreendimentos familiares artesanais e tradicionais é de grande relevância para o país e tem ganhado destaque nos debates acerca do desenvolvimento sustentável. Tais iniciativas geram renda e permitem a fixação de famílias em seus lugares de origem. No caso de Minas Gerais, o Estado configura-se como uma região rica na produção artesanal de produtos tradicionais originada de pequenos produtores.

No entanto, esse tipo de produção, muitas vezes, não encontra um canal apropriado de comercialização, o que, somado a uma pressão do mercado por produtos cada vez mais baratos, acaba por desvalorizar a produção local. Tal situação põe em risco de extinção bens de natureza imaterial, como, por exemplo, os saberes tradicionais de um território, que é o que vem acontecendo com a produção de lã artesanal em Campo Redondo, bairro rural da cidade de Itamonte, Minas Gerais, objeto de discussão deste artigo, que apresenta os resultados parciais do projeto de extensão que tem sido desenvolvido no território.

Em Campo Redondo, verifica-se uma redução significativa do número de mulheres que produzem e trabalham com a lã, técnica que é tradicional na cidade, uma vez que as dificuldades

^a lauracota@ufmg.br

de comercialização foram diminuindo o interesse pela produção. As (poucas) mulheres que ainda fiam a lã estão em idade avançada, com problemas de saúde e abandonando o ofício. A dificuldade nas vendas acaba por rebaixar a autovalorização das artesãs, contribuindo para a perda da identidade comunitária para a qual a lã contribuía.

Destaca-se, assim, a importância de interação com as mestras artesãs e o registro de seus saberes para facilitar a troca de conhecimento entre gerações, de maneira a contribuir para fomentar sua sustentabilidade e competitividade. Vale considerar que tais saberes não se restringem à ação do fazer na lida com a roca e os teares, mas, sobretudo, na consciência de si como artífice, que lida a um só tempo com questões técnicas e plásticas, que conferem qualidade e identidade ao produto.

É assim que, neste artigo, buscamos compreender como o design pode ser utilizado em prol da preservação desses saberes e ofícios, utilizando o caso concreto da produção da lã em Campo Redondo – Itamonte/MG. Isso porque, para além de seu viés industrial, o design é agente de transformação que modifica a cultura constantemente, mas também pode ser agente de preservação de bens imateriais de uma sociedade. No caso do Brasil, apesar da imensa riqueza cultural, o trabalho de preservação de patrimônios imateriais, como os saberes tradicionais, ainda é aquém ao que deveria e vemos ofícios se perderem entre gerações. Por outro lado, o design pouco tem participado de tais discussões, o que não significa que não tenha o que contribuir, muito pelo contrário.

No caso de Campo Redondo, vimos que a produção da lã e seus produtos, em via de extinção, pode voltar a crescer se criadas estratégias de crescimento autossustentável, com a valorização das artesãs. E é assim que procuramos compreender a vida no bairro, incluindo desde o ambiente natural até formas de ver e perceber o mundo, para então pensar o que o design tem a contribuir.

2 Territórios e patrimônios

O homem é um ser territorial (situado) e relacional, é um ser-no-mundo. Como afirma o economista marroquino Hassan Zaoual, como seres situados no tempo, no espaço e no imaginário, precisamos de sentido e de direção (Zaoual, 2008, p.100). Em outras palavras, precisamos pertencer a um lugar. No entanto, essa “necessidade de pertencimento não consegue ser compreendida pela racionalidade da lógica econômica de mercado, na qual prevalece valores utilitaristas e não leva em conta as múltiplas dimensões da existência humana” (Zaoual, 2006, p.17).

Por outro lado, as contingências de um território determinam que um produto seja de uma forma e não de outra (Rorty, 2007). Isso porque os territórios constituem lugares particulares, resultados da soma das características naturais aos conhecimentos desenvolvidos pela população que nele habita. Disso resultam produtos específicos que incorporam tais características.

No caso do Brasil, há em todo o território nacional produções artesanais que sobrevivem ao tempo e às mudanças, guardando um patrimônio cultural necessário sobre o fazer. Tais atividades são de suma importância, pois tornam-se, em geral, uma atividade econômica representativa para as comunidades. No entanto, elas vivenciam problemas relativos à sua perpetuação, comercialização e à valorização de seus produtos, como é o caso da produção da lã artesanal de Campo Redondo (MG).

Por outro lado, cada vez mais evidencia-se a mudança de comportamento da sociedade, que tem buscado e valorizado soluções mais sustentáveis. Ou seja, se por um lado existem iniciativas tradicionais desconhecidas e desprovidas de ações e de acesso ao mercado, por outro, há instituições, pesquisadores e um mercado em potencial que as valoriza e também as

desconhece. Decorre disso a importância de desenvolver ações em prol da preservação de patrimônios imateriais.

No caso de Minas Gerais, por exemplo, tendo resistido ao tempo e às pressões sanitárias e tecnológicas, o Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas, nas regiões do Serro, da Serra da Canastra e Serra do Salitre foi reconhecido como bem imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2008. Um bem cultural de natureza imaterial diz respeito “às práticas e domínio da vida social que se manifestam em saberes, ofício e modos de fazer [...]” (IPHAN, 2015). O registro do patrimônio é um primeiro passo no caminho de sua preservação, mas é importante que ações em prol da divulgação e valorização do patrimônio sejam desenvolvidas para que incentive o consumo e consequentemente, justifique a perenidade da produção por parte dos produtores.

Já a produção da lã em Campo Redondo, embora preservada ao longo dos anos pela transmissão do saber fazer de geração a geração, encontra-se agora sob o risco de extinção, com o envelhecimento das mulheres que conhecem o ofício e a dificuldade crônica de comercialização dos produtos. Fica claro que é necessário um processo de trabalho conjunto com as artesãs para a valorização do saber fazer e estudos de revitalização dos produtos, novas formas de comercialização e distribuição, para que a produção de lã se justifique e não desapareça.

3 Mapeamento de Campo Redondo

Quando trabalhamos um território, não podemos compreender plenamente um local sem entender as características naturais, a realidade das pessoas que lá habitam, a cultura, a forma com que vivem, a economia do bairro, os saberes locais e as peculiaridades que constituem o território. Assim, através de observações do dia-a-dia, de conversas semiestruturadas ou livres com os moradores e de pesquisas em fontes bibliográficas, buscamos compreender a “lógica” local, para então pensarmos em como poderíamos trabalhar conjuntamente com as artesãs.

O projeto de extensão em curso está estruturado em três frentes. A primeira, Mapeamento e Registro de Memória, tem por objetivo a retomada do processo de produção da lã e de seus artefatos, ocorrendo a transferência do conhecimento para as novas gerações que não o detêm. Na segunda, Apropriação e Empoderamento, versará sobre a transmissão do conhecimento sobre modelos de negócio e mercados existentes, para que a produção possa ser escoada e se torne autossuficiente. E a terceira e última, Design e Geração de Renda, incluirá o design de novos produtos, a partir dos saberes existentes no bairro, com a possibilidade de produtos mais adequados ao mercado.

O registro histórico e o mapeamento dos atores envolvidos na produção e no processo produtivo já se iniciaram e, atualmente, estão sendo estruturadas ações para criar o registro do saber fazer de maneira que possamos explicitar o que é tácito nas artesãs.

3.1 A formação do bairro

Campo Redondo é um bairro rural que se encontra no município de Itamonte, localizado no sul do Estado de Minas Gerais. O bairro, situado a 32 quilômetros de distância do centro de Itamonte, foi colonizado por portugueses há mais ou menos 300 anos. A história relata que três irmãos da família Fonseca, bandeirantes portugueses, vieram ao Brasil. Dois deles se instalaram em Campo Redondo e o outro seguiu para uma comunidade vizinha. Como a maioria dos aglomerados formados no século XVIII no Estado de Minas Gerais, a região era utilizada para escoamento de ouro e, ao longo dos anos, com o esgotamento do ouro, o bairro foi desenvolvendo a agricultura, inicialmente para o sustento próprio. Com o tempo, parte da produção começou a ser escoada para bairros vizinhos e para a cidade de Itamonte. O bairro cresceu, mas sempre manteve uma relação calorosa de uma grande família. Os moradores relatam

uma relação de apoio entre eles e todos os habitantes do bairro se conhecem.

O bairro fica em meio às montanhas da Serra da Mantiqueira e por muito tempo não houve fácil acesso por estrada para o centro da cidade de Itamonte; assim, os membros da família Fonseca Barbosa e Barbosa Fonseca eram os únicos habitantes do bairro. Mesmo após construída uma estrada, a família continua tendo grande influência no bairro que preservou seu aspecto familiar.

A economia local se desenvolveu baseada na agropecuária, com o plantio de milho, mandioca e frutas de clima frio, como frutas vermelhas, maçãs, pêssegos, legumes e verduras. A pecuária envolveu gado, avicultura, equinocultura e ovinocultura, embora a produção de cogumelo e a criação de truta tenham tomado um grande espaço na cidade e a ovinocultura tenha perdido muito de sua força. O cultivo de cogumelo foi trazido por um agente de fora da comunidade, e algumas pessoas do bairro costumam criticá-lo por não haver uma sustentabilidade e planejamento da atividade.

A agropecuária é feita para consumo local, e alguns produtos são escoados para fora de Campo Redondo, em especial parte das plantações de milho, frutas vermelhas, frutas de altitude, truta, leite, queijo tipo parmesão, queijo de cabra, doces e geleias de frutas, pinhão e seus derivados, entre outros.

Hoje, o bairro possui uma associação de produtores rurais, buscando o fortalecimento da produção e a melhoria na qualidade de vida dos produtores e de suas famílias.

3.2 O clima

O bairro de Campo Redondo se apresenta em uma altitude de 1.800 metros e apresenta clima tropical de altitude, com inverno frio e seco, com temperaturas mínimas entre 0° e 10°Celsius, e verão ameno e chuvoso.

3.3 Arquitetura e espaços de convivência

O bairro apresenta construções com influência da época da colonização, realizada por imigrantes europeus. Junto a isso, sendo um bairro rural, as construções são simples e as ruas são de terra.

Os pontos de encontro e convivência são a igreja da cidade e um bar local, o “bar da Neiva” (Figura 1) e as pessoas costumam visitar-se a qualquer hora do dia.

Figura 1 – Esquerda: A igreja. Direta: Bar da Neiva.

Fonte: os autores

O bairro abriga uma escola municipal, fundada por um dos integrantes da família

Fonseca, que inclui desde o ensino fundamental até o ensino médio. A escola recebe alunos do bairro e de bairros vizinhos e funciona durante as manhãs, para o ensino médio e últimos anos do ensino fundamental. À tarde, atende crianças dos primeiros anos do ensino fundamental.

4 O caso da lã

Como visto, além da agropecuária tradicional do Brasil, existem algumas atividades típicas da região/bairro. Entre elas se encontram a exploração do pinhão na elaboração de refeições e doces como bombons e compotas, a produção do queijo tipo parmesão que é bastante valorizado, e a produção da lã artesanal e seus produtos.

A produção da lã artesanal tem registros de muitas gerações em Campo Redondo. É um saber passado de geração em geração, como ouvido na região: “minhas avós foram artesãs, teciam suas roupas, cobertores”.

4.1 O caminho de produção da lã

A lã tem seu ciclo de produção completo dentro do bairro, desde a criação de carneiros, a fabricação dos fios até a produção de produtos finais, como cobertas e tapetes através da tecelagem além de sapatos e outros pequenos produtos feitos em crochê. O saber da lã faz parte da comunidade por gerações, o conhecimento tem sido passado dentro das famílias e trabalhado em conjunto para fabricar as peças. No entanto, nos últimos anos, o segmento começou a entrar em crise. O trabalho da lã, no passado, foi destinado à necessidade interna da comunidade, um meio para combater o frio existente na região. Com o desenvolvimento de uma economia baseada na moeda em substituição a uma baseada na economia de troca, a lã passou a ser vista como uma renda complementar. Hoje em dia, com a produção se tornando cara em relação ao preço aplicado à venda, várias mulheres que teciam foram parando de tecer, e quase a totalidade da geração mais nova não domina nenhuma parte do processo de produção da lã, e mesmo desconhece-o totalmente.

Existe um problema de comunicação entre as mulheres mais velhas e as mais jovens. As mais idosas que já estão com problemas de saúde, sabendo que não vão poder continuar em seu trabalho por muito tempo, dizem “os mais novos não têm jeito, querem serviço mais fácil”. Todavia, existem algumas jovens que se interessam pela atividade, tanto pela produção de novelos, quanto pela tecelagem, ou mesmo apenas pela tradição que faz parte de sua história, dizendo que “se elas (as mulheres mais velhas) quisessem ensinar, eu ia querer aprender”. E, mesmo entre as jovens, existe falta de comunicação. Depois de ouvir uma amiga dizer que gostaria de aprender a enovelar, outra jovem comentou: “eu nem sabia que você se interessava!”

As mulheres adultas, já com família, têm uma grande paixão pela tecelagem, mas a maioria deixou de lado a atividade para focar em outras que fornecem o sustento da casa, ou preferiram ficar em casa com as crianças, vivendo da renda dos esposos.

Para entender melhor os problemas enfrentados pelas artesãs, é necessário conhecer um pouco do seu processo produtivo (Figura 2). A primeira fase é a criação ovina que ocorre, muitas vezes, na fazenda das famílias das próprias mulheres que fiam. No entanto, essa criação dentro do núcleo familiar vem desaparecendo, por não haver um destino para a lã do carneiro, uma vez que as fiandeiras não têm mantido o ofício. Em outros casos, quem tem a lã do carneiro entrega para mulheres de outros círculos familiares fiarem. As raças e o modo de criação fazem muita diferença no produto final. Existem raças com pelo mais elástico que outros, e a criação em campo roçado ajuda na hora da lavagem da lã. No entanto, os carneiros costumam comer qualquer planta, o que dificulta a criação dos mesmos em ambientes onde já exista uma plantação.

Figura 2 – A produção da lã e seus produtos

Fonte: os autores

A segunda etapa da produção é a lavagem, um processo mais longo e que demanda muita paciência e trabalho. A lã, além de estar suja de gordura natural do corpo do animal também tem carrapichos e outras sujeiras que grudam nos fios. Neste processo a lã é lavada em água, preferencialmente quente, para tirar a gordura e a terra. Depois se lava com sabão e em seguida se retiram os carrapichos. Essa é a parte mais pesada da produção, na qual poucas mulheres possuem capricho e paciência para fazer uma limpeza completa.

Depois de limpa é a hora de abrir a lã para cardar. Assim, a lã fica pronta para ser fiada e tingida e, ao final do processo, é colocada em forma de novelos. Para chegar a uma cor mais homogênea depois de fiar, a lã é unida em meadas na máquina dobradeira que, também, depois do tingimento, é usada no sentido inverso para facilitar a formação dos novelos. Os novelos são passados para as mulheres que fazem os produtos finais através da tecelagem ou do crochê.

O tingimento da lã é feito com tintas de origem natural, retiradas de plantas da região. A lã já unida em meadas é colocada em água quente por várias horas junto de uma planta local para chegar à cor desejada. Com o tempo, as mulheres foram conhecendo os melhores componentes para tingir a lã.

Em geral, as etapas entre “lavar” e “enovelar” são feitas em duplas. Uma mulher lava e abre, e a outra carda, fia e tingi. Antigamente, o processo era feito por várias mulheres que passavam o dia juntas para fazer algumas etapas por dia, alcançando uma eficiência maior e ao mesmo tempo também se socializando e ajudando umas às outras.

Depois de os novelos estarem prontos, a lã é passada para outras mulheres para fabricarem o produto final. Entretanto, hoje em dia, assim como as mulheres que fiam, quase não encontramos mulheres que tecem com a lã. As que ainda praticam o ofício, fazem-no por prazer e a venda é feita apenas para a comunidade interna ou para alguns turistas passantes. As razões apresentadas pelas moradoras para descontinuar a produção são cuidar dos filhos, falta de mercado e o fato de a produção e a venda não trazerem renda.

A cadeia de produção varia pelos saberes de cada mulher. Algumas faziam o processo completo e só deixavam a venda do produto final para terceiros, outras trabalhavam em grupos nos quais cada mulher fazia sua parte e devolvia ou passava adiante para próxima mulher que tinha mais expertise na etapa específica. Atualmente, muitas dessas cadeias não existem mais em função de muitas mulheres terem parado de praticar o ofício.

De maneira geral, a comercialização dos produtos finais acontece em pequena escala e localmente, sendo deixados para serem vendidos para os passantes em um bar/restaurante local, o “bar da Neiva”, na feira semanal dos produtores em Itamonte ou dentro da comunidade. Assim, verifica-se que a produção não se propaga para mercados diferentes e acaba não valorizando o território, o que desmotiva as mulheres que detêm o saber e que não recebem retorno suficiente.

No passado, em momentos específicos da história, existiram alguns modelos de comercialização da produção para fora da região. Um tipo de comercialização de novelos de lã para São Paulo era feito através de comerciantes que buscavam a lã direto das mulheres para vender na cidade de São Paulo. No entanto, por vários motivos, essa comercialização parou. Um dos motivos apresentados foi a falta de certificação da pureza da lã, gerando a dúvida nos clientes finais se a lã era apenas de carneiro ou poderia ser industrial, de forma que a venda foi reduzida e o valor de venda caiu.

Houve um momento em que os produtos finais foram comercializados e exportados para a Europa, com a distribuição feita por uma pessoa que veio como turista para Campo Redondo e se apaixonou pelo trabalho das mulheres da lã. Mesmo isso, após um certo tempo deixou de ocorrer, quando essa mulher deixou de frequentar o bairro. De maneira geral, os moradores apontam para a falta de um meio perene para comercialização de seus produtos.

5 Problemas e constatações

A produção da lã em Campo Redondo é exclusivamente feminina e peculiar ao território analisado, um saber passado por gerações que acabou formando uma cultura e tradição local. Porém, esse grande valor cultural nem sempre é percebido, tanto dentro quanto fora da comunidade sendo a falta de autovalorização um primeiro problema.

Ao longo das conversas, uma mulher apontou: “para mim, o mais importante é que é uma arte que não morreu. Talvez esteja chegando ao fim, mas não desejo isso”. As mulheres relatam muita dificuldade em preservar a tradição e continuar a fazer o que fazem, por falta de mercado e conhecimento das pessoas. “As pessoas não acham que tem mais lã pura, ficam desconfiadas. O preço é mais barato que o industrial, mas mesmo assim não tem mercado”, comentou outra mulher. As mulheres que fazem os novelos falam que o trabalho não compensa o preço de venda, já que são várias horas de trabalho para um retorno quase inexistente, pois vendem apenas para as mulheres da região, que tecem ou fazem crochê.

As mulheres que tecem apresentam ainda um problema maior visto que, na maioria das ocasiões, a venda dos produtos finais gera uma perda, pois acabam vendendo o produto final por um preço inferior ao preço de compra da matéria-prima (os novelos).

“A Neiva vendia pantufas e tapetes no bar, mas as pessoas vêm para a roça e acham que vão comprar tudo muito barato”. Isso foi dito por uma ex-criadora de carneiros, que depois comentou como as pessoas falam: “não tem retorno, eu paro”. Fica claro que o retorno financeiro é mínimo e o valor que as mulheres atribuem para o trabalho é muito maior do que o valor percebido pelo mercado e pelas pessoas de fora da região, caracterizando assim um outro problema, que é a precificação e produtos com baixo valor percebido.

Como apresentado anteriormente, quando houve interesse externo nos produtos, todo o

processo de comercialização foi por iniciativa e manuseio externo, sem o envolvimento e controle da comunidade, o que levou rapidamente à descontinuidade das ações. Assim percebemos a importância de um controle maior por parte da própria comunidade produtora ou a estruturação de relações mais sólidas entre produtores de matéria-prima, fabricantes de produtos e comerciantes, como propõe Pinto (2016) através do Design Relacional.

Esse contexto de desvalorização do ofício gera, ao final, uma consequência mais profunda, que é a extinção da atividade, já que as mulheres, descrentes da produção e por desejarem uma vida melhor para seus familiares, não ensinam os meios de produção para as gerações seguintes. Assim, a produção está prestes a se acabar. As mulheres mais velhas apontam para a falta de vontade das mais novas em aprender e as mais novas apontam que nunca ninguém lhes mostrou o caminho. Essa falta de conexão e comunicação pode ser um grande empecilho para continuar a tradição e a resolução desse problema poderá ser o começo do caminho para reviver a cultura local.

A falta de conhecimento sobre os consumidores potenciais e a falta de conexão entre os produtores, o meio de comercializar e o consumidor, já descritos anteriormente, são grandes problemas que impedem a valorização dos produtos da lã. Observamos que, mesmo em momentos em que houve uma saída dos produtos, essa comercialização foi originada e dirigida por agentes de fora da comunidade que, quando não apresentavam mais interesse, simplesmente abandonaram a comercialização, e as artesãs ficaram novamente sem fonte de renda. Fica clara a falta de mecanismos e conhecimento de mercado para gerar um mercado para os produtos.

Durante as conversas com as mulheres observamos que elas se mostram desmotivadas pelo mercado existente. No entanto, a maioria de seus produtos são voltados para um público que não representa a maioria da população brasileira. A lã de ovelha é extremamente quente e produtos como cobertas, pantufas e meias não apresentam adequação à maior parte do mercado brasileiro.

6 Discussão

Diante de um mercado dominado por grandes empresas, como se articulam os artesãos? De maneira formal ou informal, eles se tornam 'invisíveis'. Obedecendo à lógica dominante, ou eles se submetem às regras dos grandes mercados ou estão fora do mercado formal. Uma minoria consegue trilhar caminhos alternativos e neles sobreviver. Entretanto, a configuração dominante cria uma concorrência por vezes desleal, já que o pequeno produtor, na maioria das vezes, não tem condições de concorrer em igualdade com uma grande empresa, uma vez que seus custos operacionais são proporcionalmente maiores. Para Zaoual, "as formas de vida econômica, que surgem no vácuo que o desenvolvimento e a globalização deixaram em seu rastro, expressam necessidades de uma economia que não é racional, mas relacional" (Zaoual, 2006, p.76).

No caso da produção da lã, quem produz a lã ou cria produtos a partir dela se apropria de uma técnica e de um saber que espelha uma tradição fecunda arraigada e que é vista como um patrimônio precioso. Ao se ver pressionado por leis do mercado, o artesão ou acaba se afastando de suas premissas originais, perdendo certos pressupostos da condição artesanal no fazer e no criar, descaracterizando-se enquanto artífice, ou a sua produção tende ao desaparecimento, como é o caso de Campo Redondo.

A globalização evidenciou a dicotomia local x global e o embate entre preservar a diversidade e pasteurizar a tudo e a todos. Enquanto a preservação dos sítios e suas singularidades cresce no sentido da salvaguarda de saberes locais, produtos artesanais e tradicionais, a pasteurização caminha na lógica industrial de mais do mesmo por unidade de tempo, eliminando a heterogeneidade.

E o que o design tem a ver com isso? O design não atende apenas aos interesses da indústria, mas está comprometido com as relações sociais, econômicas e ambientais que os objetos desenvolvem no mundo, e aqui inclui-se o auxílio à preservação do patrimônio imaterial. Diversos estudos e ações têm sido desenvolvidos junto a comunidades artesãs; no entanto, a maioria se mantém pautada na lógica tradicional de mercado. Entretanto, é fundamental compreender que design, além de não ser neutro, é uma atividade orientada para o futuro, seja de longo prazo, seja *design for a near future*, que seria aplicado no caso de Campo Redondo.

Claramente, o design sempre possuiu uma dimensão relacional, as formas de design sempre produziram efeitos, pequenos ou grandes (Blauvelt, 2008). O que muda aqui é o papel principal que o design ganha no campo relacional, passando a “produzir juntamente com os seus pares de modo a resolver problemas cuja resolução se revelava demasiado complexa ou dispendiosa pelos meios convencionais” (Blauvelt, 2008). No caso da produção de lã e seus produtos em Campo Redondo, é possível, através do design, reformular a percepção dos artesãos sobre o saber fazer tradicional e sobre os produtos.

Observa-se um movimento na sociedade na busca por identidade, em contrapartida à pasteurização imposta pelo sistema industrial e de comunicação de massa. Tal fato tem provocado um movimento de volta ao âmbito local, em que a cultura produz artefatos identificados com o lugar. Desse modo, pode-se notar o aumento da procura por produtos tradicionais, que trazem consigo a história de um lugar, que são marcas do saber-fazer de uma região e representam sua cultura, uma tradição (Zuin e Zuin, 2008, p.111). Neste cenário, o design, como disciplina projetual, pode contribuir para a valorização desses produtos artesanais, criando condições de perpetuação da atividade e sustentabilidade das famílias.

Tento em mente as premissas acima e após analisar o território, começamos a desenvolver uma trajetória junto às artesãs de Campo Redondo. Em primeiro lugar foram estabelecidas três frentes a serem trabalhadas: mapeamento e registro de memória, apropriação e empoderamento, e design de produtos e geração de renda. A priori não existe uma hierarquia entre cada tópico e nem uma ordem a ser trabalhada, visto que é a combinação entre os conteúdos de cada frente que pode trazer o desenvolvimento e valorização dos saberes. É importante notar que algumas atividades descritas a seguir têm como foco mais de uma frente. Ainda, é importante assinalar que em um território, por ser específico, o desenvolvimento de cada frente precisa ser reavaliado ao longo do tempo para perceber as reais necessidades do local.

Na fase atual do projeto, está sendo desenvolvida a primeira frente, que tem como objetivo entender e registrar o processo de produção da lã e de seus artefatos. Para tanto, o estudo de referencial teórico para compreender a história, o patrimônio imaterial, o processo de produção da lã, a produção artesanal no Brasil, estratégias de mercado, relações do mercado. Além disso, as visitas de campo fazem parte indispensável dessa frente, visando ao estabelecimento de uma ligação de pertencimento e envolvimento com a comunidade. Junto com isso, buscamos realizar o mapeamento dos envolvidos com o processo da lã e registrar o processo produtivo. Esse mapeamento vem sendo feito a partir de conversas com os moradores do bairro. Desta forma, buscamos começar a despertar o olhar dos moradores do bairro e detectar aos poucos tanto as pessoas que detêm o saber quanto pessoas com habilidades a participarem futuramente do processo da lã em diversas partes do processo.

Junto com o mapeamento está sendo desenvolvido o registro por meio de um documentário dos saberes da lã no bairro, registro esse que tem diversos objetivos. Entre eles, o registro da memória e os saberes imateriais antes de desaparecerem por total no bairro, a busca pelo empoderamento local a partir da percepção da valorização externa e a divulgação desses saberes. Ou seja, essa é uma das atividades que contribuem para mais de uma frente.

Além do documentário estão sendo desenvolvidas oficinas e atividades para transferência do conhecimento para as novas gerações que não o detêm, a fim de realçar a importância da preservação da história e da cultura local. Com as oficinas, no caso de Campo Redondo, em que o interesse e o conhecimento pelos saberes da lã são muito pequenos, buscamos antes de mais nada a apropriação do território pela geração mais nova para entender o sentido e a importância dos saberes de seu território.

Além disso, visto que observamos uma situação de extinção dos ofícios da lã, buscamos reestabelecer uma relação das artesãs com seu conhecimento dos ofícios. Sem dúvida, a maior crítica escutada foi o problema de comercialização; no entanto, é preciso também tentar engajar as mulheres a criarem um sentimento afetivo com os seus saberes, um sentimento coletivo dentro do bairro que poderá trazer a apropriação das mesmas e de todos os moradores. Em busca desse caminho, buscamos fazer reuniões junto com os moradores para entender as histórias de todos e os seus sentimentos.

É importante notar que as ações descritas acima são apenas de início de projeto. Quando o design lida com um território e produção artesanal, a sensibilidade do designer precisa estar em alerta para avaliar em cada etapa do projeto as necessidades das pessoas envolvidas, mudando e adaptando o projeto às demandas que surgem ao longo da trajetória.

7 Conclusão

Com este artigo, buscamos mostrar que há um grande campo a ser trabalhado pelo design no que tange ao território e ao patrimônio imaterial. Nosso trabalho vem sendo feito em Campo Redondo, com a lã e seus produtos. Mas há um campo bem mais vasto a se abarcar em todo o Brasil.

Em um mundo predominantemente artesanal que resolveu se industrializar, o design teve a importância de especificar claramente informações que dessem a diversas pessoas condições de reproduzir igualmente um objeto. Atualmente, em um cenário de grande industrialização e desenvolvimento tecnológico, a discussão está focada em temas como a experiência dos usuários e a sustentabilidade.

Neste sentido, é importante para o design ampliar suas possibilidades de estudo e atuação. Ao conectar as discussões próprias ao design à discussão de patrimônio, criam-se possibilidades de conexão com outras áreas do conhecimento. Além disso, amplia-se o olhar do profissional que não deve apenas estar focado em projeto de novos objetos, mas compreender em profundidade os territórios em que atua para projetar. Tão importante quanto novas técnicas e novos produtos é a preservação dos saberes e fazeres tradicionais de um povo.

O design, junto a outras áreas, pode ser utilizado para a resolução de outros problemas sociais e outras tantas produções artesanais podem se beneficiar desse modelo pautado no respeito e valorização dos territórios, das pessoas e dos produtos.

É importante promovermos uma discussão mais aprofundada sobre a interação entre design, produção artesanal e saber fazer tradicional. Essa relação impacta diretamente na forma como o design de produtos tem sido pensado, ensinado e realizado. Isso porque ainda prepondera uma visão mercantilista e industrial que acaba por desconsiderar particularidades locais e modos tradicionais de produção, propondo soluções socialmente não adequadas.

8 Agradecimentos

Agradecemos à Pró-reitora de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais (PROEX UFMG) à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pelo apoio à realização deste trabalho.

9 Referências

- BLAUVELT, Andrew. **Towards Relational Design**. 2008. Disponível em: <<http://designobserver.com/feature/towards-relational-design/7557>>. Acesso em: 05 jan. 2016.
- BARROSO, Eduardo Neto. **Design territorial**. 2015. Disponível em: <<https://eduardobarroso.blogspot.com/2008/03/design-territorial.html>>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- CASTRIOTA, Leonardo. **Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio**. 2013. Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.162/4960>>. Acesso em junho 2016.
- IPHAN. **Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas nas Regiões do Serro, da Serra da Canastra e do Salitre**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf?idBemCultural=0_%5Bd36%4018c5551n%5D8%3Am208z%40s1%5Bv8%3Ax3331n%5D8%3Am207%2F%24ghi*%3Adef%24%3B52g0_%5B3y3p600001n%5D8%3Am209>. Acesso em: 13 dez. 2015.
- KRUCKEN, L. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- PANHUYS, H. **Do desenvolvimento global aos sítios locais: uma crítica metodológica à globalização**. Rio de Janeiro, e-papers, 2006.
- RORTY, R. **Contingência, ironia e solidariedade**. São Paulo: Martins, 2007.
- SILVA, Gustavo M. **Mercados como construções sociais: divisão do trabalho, organização e estrutura social de um mercado em um território municipal**. 2010. 358 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-874GMS>>. Acesso em: 09 dez. 2012.
- PINTO, Laura de Souza Cota Carvalho Silva. **Design relacional: uma possibilidade para a conexão, viabilização e valorização de produtos alimentícios artesanais no Brasil**. 2016. 207 f. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27463/27463.PDF>>. Acesso em: 09 jan. 2017.
- ZAOUAL, H. **Nova Economia das Iniciativas Locais, uma introdução ao pensamento pós-global**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. **Globalização e diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2008, 2oed
- ZUIN, L. F. S.; ZUIN, P.B. **Produção de alimentos tradicionais: contribuindo para o desenvolvimento local/regional e dos pequenos produtores rurais**. In: **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v.4, n.1, p.109-127, Taubaté/SP, jan-abr. 2008.